

## RESUMO EXECUTIVO

Projeto

### **Do outro lado do rio tem uma história – as mulheres e a zika na região da Tríplice Fronteira**

Equipe

Douglas Rodrigues Maia, Heloisa Nichele de Oliveira e Monique Ryba Portela, do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com orientação do jornalista e professor José Carlos Fernandes

Para produzir as reportagens do site Zika na Tríplice Fronteira, a equipe fez duas viagens a Foz do Iguaçu, distante 635,3 quilômetros de Curitiba, com extensões até Puerto Iguazú, na Argentina, e Presidente Franco e Ciudad Del Este, no Paraguai. Ao todo, os quatro membros da equipe – três alunos e o professor – calculam ter percorrido 1.350 quilômetros, em sete dias alternados na região, com atividades nos três períodos. Parte da produção das pautas foi feita na capital paranaense. Ao todo, foram ouvidas pouco mais de 50 fontes, fora as pesquisas.

O projeto de reportagem partiu de dados preliminares sobre a condição endêmica da dengue na Tríplice Fronteira. O quadro permitia supor a probabilidade de condição semelhante para a expansão do zika vírus e a repetição, na Costa Oeste do Paraná, de incidência de casos de microcefalia. Firmada essa premissa, o esforço concorreu no sentido de entender a vulnerabilidade epidemiológica de Foz do Iguaçu e suas vizinhas.

Duas rodadas iniciais de entrevistas ajudaram a construir as pautas – um encontro com quatro técnicos da Secretaria de Estado da Saúde (Sesa-PR), em Curitiba, e uma conversa com o jornalista Mauri König, que atuou na Tríplice Fronteira no início de sua carreira e é ligado ao Instituto Vladimir Herzog, que promove esse certame. A partir dessas preliminares, firmou-se um plano de investigação voltado para quatro pontos que julgamos convergentes: saneamento básico, saúde pública, urbanismo e corrupção. A intenção era mostrar que a fragilidade ambiental da região era acentuada pela desorganização da cidade e do poder público.

A base de dados foi construída a partir dessas quatro questões, tendo como prioridade captar de que maneira o poder público conciliava prevenção e socorro, em caso de uma epidemia de zika e em caso de a contaminação atingir as mulheres grávidas. A reportagem conversou com uma dezena de mulheres que tiveram filhos no período crítico do zika vírus ou que estavam em período de gestação no momento da abordagem.

Além das distâncias entre Curitiba e Foz, outro desafio foi encontrar dados estatísticos em bases similares aos do Brasil, tanto na Argentina quanto no Paraguai. Nem sempre o esforço de prospecção é compensado. Paraguai e Argentina têm geopolíticas distintas das vigentes no Brasil, o que cria ruídos na hora de traçar paralelos de toda ordem.

A transparência de informações também fica a desejar e, no caso do Paraguai, é entrave recorrente a dependência do governo, em Assunção, na liberação de estatísticas. A

impossibilidade de cruzar dados de território – e poder ajudar de forma mais precisa na criação de políticas públicas com esse trabalho – foi tratada na reportagem como uma informação a mais sobre a região.

Uma vez em campo, de forma concomitante com as fontes oficiais e com pesquisadores, a equipe se ocupou de entender a dinâmica da região, circulando pelos bairros de Foz do Iguaçu (são 300) e nas cidades vizinhas. As principais áreas de ocupação irregular da região foram mapeadas, posto que a falta de saneamento, nesses locais, tende a ser um agravante para a epidemia de zika. Nessas visitas, buscou-se captar os problemas ambientais, sociais e sanitários, mas sem perder de vista as reações de grupos e organizações. Essa disposição permitiu o encontro com um bom número de agentes, parte deles contemplados na seção “Gente da Fronteira”.

Por fim, a reportagem em site foi editada de forma a ter uma cauda longa. Serve para pensar a condição das mulheres da fronteira e a presença do vírus zika – que traz um novo desafio para a saúde pública –, mas também meio ambiente, cidade, prevenção e comportamentos.

**Curitiba. 18 de outubro de 2016.**